ANO 8.º — Sexta-feira, 22 de Outubro de 1915 — NUMERO 393

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões — AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

Uma necessidade

As informações que de toda a parte nos chegam trazidas por aqueles que das plagas africanas regressam, lembrando-se pavorosamente ainda de toda a série de torturas ali experimentadas; o conhecimento completo que as suas narrativas nos trazem de que sómente se não esgotou a coragem indomita do soldado português, fenecendo, porém, tudo quanto seja provido de solida e conscienciosa direcção; a deficiencia criminosa na preparação e previsão de quanto absolutamente indispensavel era para amenisar e facilitar a pesada tarefa imposta ás forças que ali operaram, tudo corrobora, da maneira mais completa, o que no ultimo numero do *Democrata* dissémos sobre a necessidade imperiosa e inadiavel de se procurar *alguem* que na pasta da guerra—que não devia ser politica—modifique e remedeie todo esse tremedal de desorientação e desorganisação em que vive e assenta o exercito português!

Não é segredo para ninguem quanta miseria, quanta fome e outras torturas assaltaram os nossos soldados na sua heroica tarefa, combatendo o gentio para fazer respeitar e manter o prestigio da nossa soberania, pagando muitos deles, com a vida, deficiencias que não deveriam existir, erros que são verdadeiros crimes.

Enquanto ao nosso soldado faltou absoluta e completamente a alimentação, chegando, para se sustentar, a comer milho crú, na praia, em Mossamedes, apodreciam pilhas enormes de caixotes de todas as grandezas, que representavam dezenas de milhares de escudos, contendo viveres de toda a especie, que poderiam ter reconfortado aqueles a quem, exigindo-se entre todos os sacrificios a propria vida, mandavam criminosamente avançar para se debaterem e morrer da maneira a mais ingloria—de fome e de sêde!

Nas proprias *étapes* onde, esfomeados, chegavam na esperança de se alimentarem, recebiam a aterradora noticia de que um *incendio* consumira na vespera as mercadorias existentes!

Este facto, profundamente significativo, sucedeu em mais dum ponto e como este tantos, tantos outros que não cabem enumerar num limitado artigo, mas que são sobejamente indicativos da necessidade, em nome de todos os principios, da intervenção de quem veja, com olhos de vêr, toda a vastidão enorme, assustadora de desorganisação em que se debate o exercito, que é a alma da nação.

De toda essa formidavel jornada que ha um ano, aproximadamente, andam as nossas forças realisando por toda a Africa, resulta apenas um facto comprovado e indiscutivel: a coragem, a valentia e a resistencia inegualaveis dos nossos soldados!

De resto, a prova dos factos e das cousas demonstrou, infeliz e desgraçamente, que á excepção do soldado e das suas qualidades, tudo nos falta—capacidade, direcção, superintendencia!

Por todos os quarteis do país, nas divisões, nas secretarías, não ha um homem que, sem miseraveis preocupações politicas, reorganise o exercito de fórma a que a nação possa nele descançar?

Procurem-n'o, procurem-n'o sem demora para salvaguarda e honra do país.

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro*

Films...

E' coerente

Na opinião do arlequim Cunha e Costa a simples convivencia com um republicano cotado desqualifica.

Bem faz ele que só convive com os que pozeram o país a saque no tempo em que á frente dos negocios publicos estavam verdadeiras quadrilhas de ladrões.

Outra tirada

Sem respeito algum pela verdade que os que vivem da mentira não pódem ter, escreve o mesmo charlatão politico no orgão miguelista da capital que o govêrno Pimenta de Castro foi *o mais bem intencionado* e *o mais honrado de quantos a Republica tem tido. Durante ele*, acrescenta, *o país experimentou, pela primeira vez desde o 5 de Outubro de 1910, os beneficios da disciplina e da ordem. Durante ele, pela vez primeira, as liberdades e as garantias essenciaes da Constituição foram respeitadas! Durante ele, e apezar de bem curto, principiou a organisar-se, para logo se desorganisar, a antiga vida social. Havia mais alegria, maior afabilidade no tracto, muito maior concorrencia nas ruas*, etc., etc., etc.

Sobretudo, esses homens, (os do govêrno) *á parte os actos estritamente indispensaveis á dignidade do poder executivo, não fizeram mal a ninguem. Eram gente de senso moral intacto. De todos os govêrnos da Republica, esse govêrno foi o unico cuja inteireza a opinião não poz em duvida.*

Chegou tarde, mas nem por assim acontecer deixa de embolsar os cobres correspondentes ao serviço para que foi alugado...

DA PESCA

Entrou na quarta-feira a barra, vindo da Terra Nova, o primeiro navio da flotilha que foi ao bacalhau, pertencente ao sr. José Vaz & C.ª, de Ilhavo.

E' o lugre *Africano* e trouxe-o para dentro o rebocador *Lynce* que aqui se encontra para auxiliar as entradas de todos os barcos da mesma procedencia.

A vingança

O sr. Acacio Rosa, cujo nome voltou a andar na imprensa e a ser discutido unica e exclusivamente por causa da sua *inequivoca, profunda e convicta fé monarquica*, acaba de ter, segundo ele proprio declarou numa roda de *correligionarios*—Acacio Rosa é hoje correligionario dos republicanos visto ter votado nas ultimas eleições nos candidatos pertencentes aos tres partidos constituidos e mais no anfibio senador encravado, Joaquim Peixinho—um gesto que bem demonstra a pequenez do seu espirito tacanho, a sua insignificancia, a sua mediocridade: nunca, por muito que viva, tornará a gastar medicamentos da farmacia do pae do nosso director o que, por outras palavras, quer dizer que lhe retirou, ou vai retirar, a sua *valiosa* protecção!

Caramba, Acacio! Você está um homem terrivel! E não fazendo a coisa por menos, isso vai causar um transtorno que é mesmo de estarrecer... Mas, Acacio, venha cá, chegue-se e ouça: que razões tem você para semelhante procedimento? Porventura o proprietario da farmacia onde compra os medicamentos tem responsabilidades ligadas a este jornal, interferencia naquilo que escrevemos ou possâmos dizer discutindo factos e apreciando pessoas? Certamente que não, Acacio, e você, farto de o saber, a ninguem póde afirmar o contrario. A que obedece, então, a sua estranha deliberação, essa atitude que você anuncia ter tomado em face da maneira como o *Democrata* vem mostrando a transformação politica por que acaba de passar um dos *subditos de El-Rei D. Manuel*, como você se jactava de ser, divulgando a toda a hora o seu lealismo monarquico, a sua fé, as suas arreigadas convicções e afeição ao regimen que o fugitivo da Ericeira simbolisava?

Não o diga, Acacio, que não é preciso. Poupâmo-lo a esse trabalho por desnecessario. De sobra são conhecidos os ensinamentos da Igreja, que você naturalmente serve tambem com egual fé e crença com que serviu o regimen deposto e esses não se afastam do principio da transmissão de *pecados* de paes para filhos ou de filhos para paes quando isso convenha e possa de alguma maneira satisfazer os intuitos felinos de quem por tal doutrina se rege.

A mãe comeu o fruto proibido;
Esse fruto era a minha sementeira:
Era o pão e era o milho;
Transmitiu o pecado.
E se a mãe não pagou, que pague o filho,
E' doutrina da Igreja. Estoa vingado!

Salvo a comparação, o sr. Acacio Rosa afina pela mesma. Como se não possa vingar de nós, ele, que é *atilado, inteligente e prespicaz*, qualidades que não poucas vezes a *bôa imprensa* lhe reconheceu, não esteve com meias medidas: se o filho não pagou, pague o pae!

Mas—ó Acacio!—você deu raia, estatelou-se, perdeu as estribeiras. Você, procedendo da maneira como procede, pura imitação do jesuita bronco, estupido, insensato, dá apenas mostras de que a reacção encontrou em si um digno cooperador da nefasta e repelente seita. E assim, ainda que queira, não póde ser republicano, Acacio. Não póde servir a Democracia. Impede-o disso todos os defeitos acomulados desde que você entrou, arregimentado, nas fileiras que serviram de esteio aos representantes da monarquia, o mesmo dos quaes os intrujões, os videirinhos, como você, enganaram até á ultima. Lembre-se do passado, Acacio, e não agrave mais a sua situação. Não seja tolo. Retire, muito embora, a protecção ao estabelecimento que você quer fazer alvo da sua vingança, mas não se dê mais ao disfruto, tanto dó já temos de si.

Que ideia a sua, Acacio! Já um dia um safardana, cuja vida é um estendal de miserias, se lhe meteu tambem na cabeça que havia de reduzir á fome o mesmo farmaceutico contra o qual o Acacio agora tem assestadas as suas baterias. E se bem o pensou, com melhor disposição se propunha executar a obra. Era preciso que o amigo, que se não deixava explorar, soubesse quem era e o que valia a *alta personalidade* que o 5 de Outubro transformou em *homem politico, politico republicano e republicano democratico* com longa pratica de *escroquerios* feitas pelo processo do conto do vigário e outros aprendidos com os mestres na arte de roubar. Poz em pratica o seu plano. O amigo da vespera, *dedicado*, a quem *como prova de sincéra amizade e verdadeira estima* se ofereciam retratos, passou a ser considerado doutra maneira e onde os deveres profissionaes do falsario o levavam, ai estava o veneno e se urdia a teia que devia aniquilar o zeloso farmaceutico, julgado na dependencia, só porque se não deixou roubar pelo tal *amigo sincéro*... Tão sincéro como você, Acacio, que renegou todas as suas crenças, a sua *inequivoca, profunda e convicta fé monarquica* no dia em que desabou esse regimen cujas escoras apodreceram minadas pela falta de caracter que assinalava quasi todos os seus adeptos. Ora o resultado foi que nada conseguiu o bandalhete com as infamias que lhe saíram da boca porque acima delas estava e está o visado a quem não apoquenta nem amofenta a má vontade que lhe possam ter por cumprir fielmente os seus deveres profissionaes ou então por ser pae... do nosso director.

E temos conversado, Acacio. Tanto não valia você com os seus quimericos pensamentos, filhos de uma imbecilidade ultra ridicula para um *pescador de perolas*... na capéla de S. Tomé, mas já agora não vale a pena voltar atraz, a menos que você, penitenciando-se, quizésse confessar que não passa dum asno supondo de algum valor o desforço que a atitude deste jornal, perante as suas apregoadas convicções monarquicas, lhe determinou.

Asno chapadissimo, Acacio, para evitar confusões com os que são apenas só asnos...

Apreensão de ovos

A policia desta cidade apreendeu na sexta-feira, na estação do caminho de ferro das Quintans, quatro caixotes contendo 3:600 ovos, que foram vendidos na esquadra da Praça Marquês de Pombal, segundo o preço estabelecido pela Comissão de Subsistencia, a 18 centavos a duzia.

O negociante, que os pretendia despachar para Espanha, veio na segunda-feira receber a importancia da venda, deduzidas as despêsas. Chama-se Silverio Antonio Pires, natural da Murtoza, mas residente em S. João de Loure.

Vamos a vêr se a lição lhe aproveita e serve de exemplo aos colégas.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Liceu de Aveiro

Sessão inaugural do ano lectivo de 1915-1916

Com larga concorrencia de alunos, familias e encarregados da educação daqueles, realisou-se na terça-feira a abertura soléne do liceu desta cidade, cuja frequencia continua a ser equiparada aos mais concorridos, sendo durante a sessão conferido ao laureado academico do 5.º ano, Mario Corrêa Teles de Araujo Albuquerque o premio Governador Civil, Nicolau Anastacio Bettencourt, constante de 30$00, instituido em 1908 pela Caixa Economica, premio que o distinto academico comovidamente recebeu no meio dos aplausos da assistencia que, quasi por completo, enchia a sala da biblioteca.

Abriu a sessão, que o professorado e grande numero de senhoras abrilhantaram com a sua presença, o digno reitor do conceituadissimo estabelecimento de ensino, sr. dr. Alvaro de Moura, que começou a sua exposição dizendo que, ordenando o regulamento que a abertura se fizésse solénemente, convidára, para lhe dar maior brilho, as familias dos alunos, mas que sentia fundo desgosto por não possuir uma palavra fluente e persuasiva com que pudésse deleitar o auditorio, concorrendo tambem, na medida das suas forças, para tornar soléne aquele acto, um dos mais honrosos do dificil encargo do reitorado, com que os colégas o haviam distinguido; que costumava usar da palavra espontanea e desataviada, mas que, podendo essa simplicidade prejudicar a pompa recomendada pela lei, se resolvera, dada a insuficiencia dos seus dotes oratorios, a escrever e lêr a sua alocução; que no seu entender tinha dois fins a sessão: um atinente ao passado outro ao futuro.

Referindo-se ao passado, disse que o ano escolar findo foi, para o liceu, um ano de grande prosperidade material, e inumerou as obras realisadas com o emprestimo de 11:000 escudos, contraido em 1907—a construção do ginasio, a reparação de todas as vidraças, telhados, canalisações, estuques e pinturas, o levantamento de anfi-teatros nas salas de aula, a creação do laboratorio quimico, a ampliação do material de sciencias fisico-naturaes e a lavagem do edificio que, durante um ano, não foi lavado por culpa... dos... máus fados.

Acrescentou que aos progressos materiaes alguns moraes, intelectuaes e educativos corresponderam: uns respeitantes á disciplina, outros ao aproveitamento, ambos concorrentes para o desenvolvimento integral dos alunos, mas todos infelizmente ainda inscritos no capitulo do infinitamente pequenos; que dois factos, porém, havia dignos de menção especial: a âve rara *distinto* reaparecêra, e o prémio de 30 escudos instituido em 1908 pela Direcção da Caixa Economica de Aveiro, para comemorar o seu cincoentenario e denominado *Premio Govervador Civil Nicolau Anastacio Benttencourt* encontrára, pela segunda vez em sete anos, dois concorrentes—os alunos Mario Correia Teles de Araujo e Albuquerque e Manuel dos Reis, que haviam obtido 16 valores no exame da 2.ª secção do curso geral dos liceus, mas que o conselho Escolar só poderá conferir prémio ao primeiro, porque o regulamento, para a concessão do referido premio, exigia que a aplicação distinta fosse dourada com o procedimento irrepreensivel, que o segundo não tivéra durante o ano escolar.

Que ao aluno Mario dirigia, portanto, os mais calorosos elogios, as mais sincéras felicitações pelo seu triunfo, sendo o seu nome, pela segunda vez, inscrito no quadro de honra do liceu e o seu retrato colocado na galeria dos alunos premiados, mas acrescentou que aproveitava o ensejo para lembrar a todos os alunos que esse estimulante se transformava em veneno perigoso, quando abria a porta á vaidade, ou sugeria a enganadora crença de que os louros alcançados poderiam suprir esforços futuros.

Disse que, deixando o passado, falaria um pouco do futuro, e, dirigindo-se principalmente aos 88 alunos que de novo se matricularam, exortou-os ao estudo e ao cumprimento do dever, mostrando-lhes que nem só os que figuravam no quadro de honra eram estimados, e indicando-lhes que para o serem bastava que, pelo seu perseverante esforço, provassem que desejavam educar-se. Leu em seguida os *mandamentos do bom aluno* que disse serem feitos por um ilustrado reitor de um dos liceus de Lisboa e nos quaes estão bem compendiados os deveres dos alunos. Finda essa leitura, acrescentou: todo o aluno que souber compreender e quizér praticar estes salutares preceitos terá como recompensa a consideração e a estima dos seus professores. Os que se não sentirem com disposição para os acatar melhor é que imediatamente mudem de rumo, aproveitando, com vantagem, em outro labôr, os nove mezes que inevitavelmente hão de perder, com desdouro para si e prejuizo para os seus. Falou da cabula e da urgencia de a estirpar, elevando o nivel dos conhecimentos para que este liceu não seja vasadouro da escoria de outros, e demonstrou que metade do tempo que os cabulas gastam em descobrir os meios de impunemente cabularem, lhes bastaria para se prepararem de modo a ficárem aprovados sem favor.

E, dirigindo-se aos paes e encarregados da educação dos alunos, pediu-lhes que suprimissem o explicador, que além de inutil e prejudicial, porque destróe todo o estimulo, iniciativa e trabalho pessoal dos alunos, sendo bastante a direcção do professor que na aula deve desenvolver a lição por fórma que, em casa, o aluno, apenas tenha que fazer revisões.

Referindo-se á ginastica, apontou a repugnancia que por ela manifestam alunos e paes, pretendendo fugir aos exercicios com pretextos futeis, sem se lembrarem do velho proloquio *mens sana in corpore sano*.

Por fim, dirigindo-se aos professores, que elogiou pela sua comparencia demonstrativa de respeito á lei e interesse pelo ensino, faz-lhes o seguinte apêlo: peço-vos, caros colégas, que, sobre tudo, presteis especial atenção á forma-

ção e aperfeiçoamento do caracter dos alunos, porque é essencialmente o caracter que faz o homem. Um homem sem caracter é uma individualidade apagada, sem vontade, sem valor e sem futuro.

Quantos homens perdem, pelo seu máu caracter, a consideração a que teriam direito pelo seu talento?

E' pela falta de caracter que as sociedades se dissolvem, e, nos tempos calamitosos de abaixamento dos caracteres, basta que um homem se mantenha de pé para que pareça um gigante.

Pediu em seguida ao director do *Colegio Aveirense*, padre João Ferreira Leitão, para descerrar o retrato do aluno premiado e entregou a este o diploma de distinção e o prémio de 30 escudos.

Achando-se presentes tambem os adoeiros Asdrubal Brandão Machado, Delfim Teixeira e Samuel Fernando da Fonseca, pertencentes ao grupo n.º 9 de Lisboa, que em viagem de propaganda andam percorrendo o país a pé, foi aos dois primeiros concedida a palavra, de que eles usaram para exortarem os estudantes a auxilia-los na grande taréfa que empreenderam, findando assim a modésta festa academica que a todos deixou agradavelmente impressionados.

O sr. dr. Alvaro de Moura, que durante o seu longo discurso, atentamente escutado, prendeu a atenção do auditorio por fórma a arrancar vivos aplausos da assembleia, recebeu, finda a sessão, os cumprimentos de quantos na sala se encontravam com a verdadeira compreensão da soma de trabalho dispendido para colocar o liceu á altura da missão que tende a desempenhar entre nós, cumprimentos a que não podemos deixar de nos associarmos, testemunhando-lhe, e a todos os seus auxiliares, a expressão da nossa simpatía e reconhecimento.

UMA CANDIDATURA

—=(*)=—

Lê-se no ultimo numero do nosso coléga lisbonense *Catorze de Maio*:

«Quem é o 2.º tenente da Armada, sr. Jaime de Souza? Toda a gente o conhece? Envergado no seu fato modelarmente talhado, de falas dôces, frequentando salões *chics*, um tanto baixo e já com algumas cans, é afinal um dos candidatos de um dos partidos da Republica que se propõe para as proximas eleições que se vão efectuar nas Ilhas.

Perguntarão os nossos leitores: porque se apresenta o *neofito republicano*, como candidato!? Expliquemos.

Porque foi protegido durante a monarquia por Hintze Ribeiro, seu conterraneo; porque foi secretário de Teixeira de Sousa, quando este senhor foi ministro; porque foi secretário particular do mesmo senhor quando era director Geral das Alfandegas; porque quando se proclamou a Republica não concordou com o novo regimen e por isso pediu uma licença ilimitada e foi para o Brazil; porque andou pelas terras de Santa Cruz em companhia dos emigrados politicos, naturalmente fazendo *uma linda* propaganda contra a Republica; e, finalmente, porque voltou ha dois mezes a Portugal e se filiou num partido republicano.

Aqui tem as razões porque o aludido partido propõe o *ilustre neofito* a deputado, nas proximas eleições, que se vão realizar nas Ilhas.

E passa-se isto, a cinco mezes de uma gloriosa Revolução!!!»

Admire-se! E o resto que se está para vêr?...

Rebeldías

Na secção—*Tribuna Livre*—que diariamente o *Janeiro* insére, o brilhante cronista Guedes de Oliveira escreveu um dia destes a seguinte *carta a um satisfeito*, cuja leitura se recomenda pelo que de verdade encerra:

«*Meu caro amigo*: Acabo de receber a sua reprimenda, que caíu na inquietação dos meus pensamentos como uma pedra num vespeiro. V. é um velho e historico republicano, meu companheiro e meu cumplice em muitos delitos de revolta, de luta e de ilusão, de tempos que não voltam. E v. não perdôa á independencia do meu caracter a insubmissão dos meus juizos. Conheceu-me todavia sempre assim, e nem uma só vez me viu deixar de afirmar que o branco não é negro, que o rei vai nú quando marcha á frescalhota e que a burra, coitada, não vê porque anda céga. Como eu v. foi tambem rebelde a todo o espirito de convenção, e nenhuma hipocrisia, nenhum erro, nenhum pechisbeque por ouro de lei, passaram á sua porta, como á minha, sem um protesto ou um piparote, um encontrão ou uma saraivada de pedras. Acusa-me agora de indisciplinado, nesta hora em que é preciso haver uma disciplina perfeita e um grande espirito de tolerancia para o *errare humanum est* em que possam incorrer os empreiteiros da Republica. Uma palavra de correcção minha, atinge-o como um estilhaço de bomba, porque v. entende que os tempos vão de renuncia aos bens da terra, e exige deste seu creado aquéla percentagem de bico calado que julga indispensavel á liberdade dos seus movimentos.

Sim, v. tem razão! Eu não obedeço com resignação aos cabos instructores, e a cada momento me vejo incurso nas penas de detenção ou nas guardas de castigo que sempre ameaçam os rebeldes. Mas não confundâmos. Uma coisa é a obra em cuja construcção nos empenhamos, outra coisa são aqueles que como v. a tomaram de assalto. Nunca me dirigi sem simpatía ao edificio, mas a quantos o invadiram, e que na sua maioria imensa não carrearam para ele nem uma colher de argamassa. Precisamente o que dóe é que uma obra tão béla se veja tão mal tratada. Muito bem compreendo que v. se incomode com a minha irreverencia, desde que tem um brilhante aposento na casa, néla vive comodamente instalado, enquanto eu, cá fóra, alagado pela agua dos beiraes do seu telhado, me desespéro de vêr a quantidade de pregos que v. lhe espeta nas paredes, tão lindamente rebocadas, e nesses pregos dependura oleografias e baixas imitações de faianças velhas.

Quando á sombra de um regimen se vive como v., estipendiado com tão suculentos contos de reis, é muito compreensivel que se fale em espirito de sacrificio áqueles que outra coisa não fazem senão sacrificar-se. Não tenha, porém, duvidas. Para tornar cada vez mais ampla, mais grandiosa e mais béla a construcção, todos os sacrificios serão feitos com prazer, e conte comigo. Para que v. engorde, não.

Era isto que queria ouvir? Aí tem. Estamos em outubro. Em outubro... pespega tudo. E' o que eu faço.»

E faz muito bem. Porque se nos vamos todos a calar, se o *deixar correr* começa de invadir o espirito dos que até hoje teem conservado sem desvio, intactos, os principios de moralidade em que o regimen deve assentar, ai dele e ai do país que nunca mais se levantam.

Como Guedes de Oliveira, que nos importa a nós que nos chamem rebeldes se os que assim nos classificam são da mesma laia do amigo, grande comedor da Republica, que se atreveu a censura-lo?

Abertura dum canal na Vagueira

A Junta das Obras da Barra e Ria de Aveiro, numa das suas últimas sessões, aprovou o projecto e orçamento dum canal a abrir na Vagueira para obviar ao mau estado em que se encontra aquéla zona da ria, e submeteu-os á aprovação superior, pedindo ao mesmo tempo que lhe fôsse concedido um subsídio bastante para poder realizar semelhante obra.

Da necessidade urgente de a levar a efeito fala bem claro o seguinte relatório que acompanhou o projecto e que aqui publicâmos para conhecimento dos interessados, dando-lhes igualmente a boa nova de que S. Ex.ª o Ministro do Fomento atendeu as solicitações do sr. Governador Civil, presidente da Junta, pois nos consta haver telegrafado a esta autoridade declarando-lhe que os trabalhos pedidos iam ser executados ainda este ano.

Segue o relatório:

«Ex.^mo Sr.—Em cumprimento do encargo que recebemos da Ex.^ma Junta da Barra a que V. Ex.ª preside, em sessão de 31 de julho ultimo, dirigimo-nos no dia 5 do mez passado á Vagueira e, em face do que observámos, vimos expôr a V. Ex.ª o seguinte:

O eixo do canal de Mira que, partindo das Portas de Agua, se orienta a S 4 S W até á Vagueira, sofria neste ponto uma curta e acentuada inflexão a S W, devido certamente á irregular disposição das aluviões que taparam em tempos aquéla barra, tendo ficado, portanto, aí o curso de agua em direcção normal ao vento predominante na costa que é o de N N W.

De tal disposição geografica em relação aos ventos reinantes e do estrangulamento do canal neste ponto resultou que as areias das dunas maritimas, varridas pelos ventos, foram estreitando com grande incremento esse trato da ria até o seu completo desaparecimento pelos anos de 1910 a 1911; deste modo ficou toda a ria, que se estende para o Sul, completamente separada da parte Norte.

Na Vagueira, presentemente, apenas nos preamares de sizigias, e empregando algumas juntas de gado, se póde fazer transitar por ali um barco, quando inteiramente descarregado.

E' este, infelizmente, o estado em que se nos apresentou aquele ponto da nossa ria.

Os inconvenientes do lamentavel estado do estuario são faceis de calcular e os prejuizos faceis de prever.

A precipitação das areias para o canal não cessou pelo facto deste se ter obstruido; continuou a elevar-se, formando um dique que, represando as aguas que se estendem para o Sul, as obriga a subir sucessivamente o seu nivel e a inundar os terrenos marginaes, tornando a região lacustre, com gravame geral da agricultura, da pesca maritima, estabelecidas por aquélas alturas da costa, abandonaram os seus logares, transferindo-se para outras praias, ou cessando a laboração, pela absoluta falta de comunicações para o trafego do peixe.

Todos estes prejuizos são primaciaes para a vida economica do distrito; todavia salienta-se entre eles, além da insalubridade, o que sofre a agricultura, da Vagueira até Mira, tanto pela inundação dos campos como pela falta de transportes economicos e remuneradores para os unicos adubos que pódem empregar, que são os das algas da ria.

Evidentemente impõe-se a necessidade urgente de romper o estrangulamento do canal naquele ponto da Vagueira, e, segundo o projecto e orçamento que acompanha este relatorio, tal obra não é de tanto vulto que o Estado não possa e deva habilitar de pronto a Junta da Barra e Ria de Aveiro com o numerario preciso para lhe fazer face imediatamente.

Devemos dizer desde já que é muito urgente a fixação das areias das dunas em toda aquéla extensão da ria, pois de contrario ficará o canal que se abrir novamente inutilisado dentro de poucos anos.

Este assunto da fixação das areias da nossa costa maritima tem merecido uma parte minima da atenção que lhe devia votar a administração publica do Estado, porque o estuario de Aveiro representa um campo de exploração de 600 a 700 contos anuaes, entre pesca, planta maritima, sal, e juntando-se-lhe a pesca na costa maritima soma a fabulosa produção de 1:100 a 1:200 contos em cada ano, e apenas em 37 milhas do litoral.

Ora a par e passo sabe-se que o desaparecimento da ria e com ele a decadencia e a morte da pesca costeira, pela falta de transportes, é devido á invasão das areias, arrastadas pelos ventos para o interior da bacia. E' certo que até hoje a fixação de tão extensos areaes se resume a uma pequena área ao Norte de S. Jacinto, notando-se que ainda nésta pequenez entra como grande factor a Natureza que, expontaneamente, tem arrelvado um grande trato de terreno.

A fixação das areias das nossas dunas de Aveiro, que já no principio do seculo passado se calculou terem um avanço anual de 40 palmos sobre o terreno cultivado, foi mandada fazer em 1811; foi depois aconselhada com instancia em 1855 pelo engenheiro John Rennie; pedida e orçada em 80 contos em 1874, pelo engenheiro Silverio Pereira da Silva, o que teve a aprovação da Junta Consultiva das Obras Publicas nesse mesmo ano; foi novamente pedida pelo sr. Francisco Regala em 1883; pelo sr. J. M. Rosa no inquerito geral da pesca em 1890, e, finalmente, pela Comissão de Estudos de 1911-1912, como medida salvadora do magnifico estuario.

Nestes termos em que fica exposta a importancia primacial que tem para Aveiro e para toda a vida economica do distrito o segurarem-se as areias, tanto as da costa do mar como as que estão ao nascente da bacia do Vouga, não nos parece exagerado nem violento propôr e até pedir que a Ex.^ma Junta e S. Ex.ª o Presidente, na qualidade de Governador Civil do Distrito, solicitem, com a maior energia, do Ministério do Fomento, a fixação das areias pelos processss que a pratica aconselha

Com este relatorio apresentamos a proposta e orçamento da obra a que nos referimos, que é a da abertura do canal de Mira na passagem da Vagueira.

Aveiro, 3 de setembro de 1915.

O vogal capitão do porto

(a) *Jaime Afreixo*

O engenheiro-director

(a) *José Celestino Regala.*»

Necrología

—=(*)=—

P.e Manuel Rodrigues

Finou-se ante-ontem nesta cidade o velho sacerdote a quem a infelicidade amargurou os ultimos anos da existencia.

Dotado dum genio expansivo, vivaz e alegre, padre Manuel Rodrigues foi, no seu tempo, um prégador de nomeada, chegando a juntar um peculio razoavel que a doença exgotou por complèto, reduzindo-o á miseria. Homem robusto, a cegueira de que foi acometido ha uns poucos de anos abalou profundamente a sua forte organisação, fazendo-o sofrer horrivelmente até que conduziu ao tumulo o desventurado eclesiastico, tão querido e apreciado por a roda de amigos, frequentadores da Farmacia Ribeiro, que vão desaparecendo a pouco e pouco, tocados pela aza negra da morte, que a todos chega e a ninguem poupa.

Sobre a campa de padre Manuel Rodrigues Branco, espirito liberal, franco e livre de preconceitos, um punhado de flores como preito de saudosa recordação de um passado que se afastou para não mais voltar.

* * *

Tambem no hospital desta cidade morreu, no sabado, vitimado pela tuberculose, o tipografo Tomaz de Pinho Ravara, a quem a doença havia impossibilitado de trabalhar ha bastante tempo.

= Em Coimbra deixou de existir o sr. dr. Sergio Calixto, lente da Universidade, cujo cadaver veio ontem para Ilhavo, acompanhado por uma deputação de estudantes de medicina, onde ficou sepultado.

O extinto, que tinha apenas 31 anos, era filho do sr. dr. João Maria da Rocha Calixto, juiz da Relação do Porto e sobrinho do escrivão de direito, sr. Gualdino Manuel da Rocha Calixto.

GATUNOS NA CIDADE

Assalto a um predio

Na terça-feira, perto da noite, descubriu a mulher encarregada da limpêsa da casa do 1.º tenente da Armada, sr. Silverio da Rocha e Cunha, ausente desta cidade ha alguns mezes, que uma das portas do predio, que dão para o quintal, estava arrombada, verificando ainda outros vestigios que a levaram ao convencimento de ter sido praticado um assalto á habitação, pelo que se apressou a dar parte do sucedido em casa do parente daquele oficial, sr. dr. Armando da Cunha, que, por sua vez, se dirigiu á policia afim de a tornar sabedora do que se passava.

Feito um minucioso exame a toda a casa e quintal, situados no largo fronteiro ao jardim publico, verificou-se que efectivamente os gatunos o haviam assaltado de segunda para terça-feira, escalando para esse efeito o muro e introduzindo-se no predio, depois de arrombada a porta que lhe dá acesso, onde remexeram tudo de alto abaixo sem que, todavía, coisa alguma levassem visto o nosso amigo Silverio da Rocha ter tido o cuidado de, quando saiu, retirar todo o dinheiro e tambem todos os objectos de valor pertencentes ao *ménage*.

Ficaram, portanto, desta vez roubados os gatunos, mas nem por isso se dar a policia deve permanecer estacionária diante deste caso, para que outros semelhantes não venham alterar a vida pacata da cidade e pôr em risco os haveres dos seus habitantes.

Regresso á Patria

Mais cêdo do que previamos, recebemos a agradavel noticia do regresso de Alfredo Brito, filho, que a 18 de Janeiro seguiu para a Africa Ocidental, encorporado no regimento de infanteria 18, a que pertence, regimento que, com outros de várias armas, constituiu a grande expedição militar destinada a sustentar o nosso prestigio e posse do vasto dominio colonial, que em além-mar constituimos, ameaçado pela invasão alemã e revolta do gentio. Alfredo de Brito, que durante a sua estada por aquelas paragens nos enviou, sempre que poude, noticias bastante apreciadas por quem, como nós, se interessa por tudo quanto diz respeito a este torrão sagrado, trocou comnosco rapidas impressões na sua passagem, daqui até á proxima estação de Estarreja, onde o podémos acompanhar.

Apesar de todas as inclemencias, fadigas, sêde e fome, Alfredo Brito vem relativamente bem disposto, cheio de saudades por tudo isto, mas deixando transparecer nas suas palavras a profunda impressão moral que lhe causou os horrores dessa luta, que, como todas, implica exclusivamente na supressão da vida de seres humanos! Refere com desalento manifesto, a falta de ordem, de economia e de direcção em tudo quanto se ligou com a preparação e abastecimento da grande coluna, que, por um feliz acaso—tristissimo é dize-lo—não foi vitima dum desastre egual ao de Naulila!

Entrou nos combates em Damequero, Inhoca, noutro travado ainda entre estes dois pontos e, no Cuanhama, antes de chegar ao quadrado onde estavam reunidas as forças sob o comando do general, ás quaes o 18, que estava no Cuamato para atacar N'dgiva, sua capital, recebeu noticia de que o gentio as envolvêra e lhe cortára as comunicações, colocando-as numa situação das mais gráves.

Conhecida ela, logo superiormente foi resolvido que partissem, sem um instante de demora, numa marcha verdadeiramente unica, como não ha memoria, afim de salvarem os camaradas do perigo em que se encontravam.

No coração de todos nós, diz-nos Alfredo Brito, havia apenas o sentimento da salvação dos nossos, e, impelidos constantemente por esta ideia, andavamos, andavamos sem um minuto de descanço, sem sêde, sem fome, sem cansaço e assim venciamos 53 kilometros por cada 12 horas, durante dois dias e duas noutes! Quem conhece aquelas paragens mais conscienciosamente poderá avaliar a formidavel marcha feita para em tão poucas horas vencermos a distancia que vai do forte do Cuamato ao Cuanhama, avançando por entre o forte Roçadas, Humbe, atravessando o Cunene até atingir o ponto onde as nossas forças estavam cercadas!

Que momento feliz para todos quando o nosso fogo, rompendo o cêrco do gentio, nos levou até junto dos nossos, estabelecendo as comunicações interrompidas!

Que valente homem, que energia de alma a desse bravo oficial de estado maior do nosso destacamento—o capitão Mascarenhas!

Nunca se me apagarão da mente as suas palavras e a sua energia!

E, todavía, meu amigo, esta fadiga fisica com a pressão moral que nos esmagava, era mantida a milho crú, que comiamos á bôca cheia—*graças a Deus!*

O general tinha resolvido abater cavalos para a alimentação da sua coluna cercada, tendo decidido que o primeiro a ser vitima de tal disposição, sería o seu, um magnifico animal que lhe prestou relevantissimos serviços.

Ha muito que dizer, que narrar, e muito que nunca direi porque nos envergonha a todos. Garanto, porém, acrescenta o belo rapaz, que soldados temos para todas as acções e para todos os sacrificios, todos, todos. Duma valentia e sobriedade inexcediveis no mundo—afirmo-o sem receio de desmentido.

A guerra hoje feita em Africa, variou imenso das anteriores, por todos os motivos.

O gentio Cuanhama, entre as magnificas armas que possuia até nos atirava com balas *dum-dum!* O definitivo resultado da luta a nosso favor devemo-lo ao emprego das metralhadoras, pois não podemos, sem ofender grávemente a verdade, deixar de dizer que o Cuanhama é valentissimo e destemido.

Após a ocupação do sobádo grande e da vitoria alcançada sobre o gentio numa luta de 10 horas de fogo, uma comissão de oficiaes inglêses veiu apresentar os seus cumprimentos e felicitações ao nosso general.

O major Pala foi vitima da sua valentia e coragem. Apesar dos esforços do nosso conterraneo, dr. José Soares, que tem prestado relevantissimos serviços e que fez quanto poude para salva-lo, foi tudo inutil pois o capitão Pala ao entrar no hospital de Lubango vinha já gangrenado, resultado do tempo que esteve sem socorro ou ainda porque este não fosse com-

Bodo aos pobres realisado em 5 de Outubro de 1915

A comissão encarregada de promover em nome das comissões politicas do Partido Republicano Português, um bôdo a 160 pobres das duas freguezias, desta cidade, no dia 5 de Outubro, em homenagem ao eminente estadista dr. Afonso Costa, desejando tornar conhecida dos ex.mos subscritores que contribuiram para a realisação de tal homenagem, a fórma como empregou os seus donativos, resolveu publicar a seguinte conta corrente:

Produto da subscrição 84$71

DESPEZA

36 kilos de bacalhau a 5$60 a arroba	13$44
69 » » vaca a $28	13$32
13,800 kilos de toucinho a $40	5$52
75 kilos de arroz a 2$04 a arroba	10$20
150 pães	7$50
150 pratos feitos propositadamente para este fim	2$55
Despeza com diversas impressões tipograficas	2$06
Envelopes e cartões em branco	$43
Percentagem a dois cobradores	1$00
150 esmolas de 10 centavos	15$00
Dinheiro distribuido a nove pobres que não tivéram bôdo em generos	4$53
Gratificação ao continuo do centro (no dia 5)	$50
4 duzias de foguetes e uma de dinamite	2$36
Gratificação aos portadores do pão para o local do bôdo	$30
Total	84$71

Todos os documentos estão em poder do tesoureiro Antonio Maria Duarte a quem pódem ser pedidos para verificação.

Aveiro, 7 de Outubro de 1915.

A comissão de fundos

Antonio Maria Duarte (tesoureiro)
Virgilio Duarte Silva
João Augusto da Silva Rosa
José de Oliveira Lopes

A comissão de distribuição

Antonio Felizardo
José Pinheiro Palpista
José Migueis Picado

---

pletamente prestado por deficiencia do indispensavel para tal fim.

Tenho muitos apontamentos, um variado *dossier* que me servirá, sem duvida, de muito proveito.

E para complemento desta rapida conversa, copie o amigo, como eu fiz, a parte da ordem do dia em que o general se refere ao nosso auxilio. Por ela verá como lhe falo verdade. Diz assim esse honroso documento:

... que seja louvado o destacamento do Cuamato porque depois de ter cumprido a missão de que fôra incumbido e tendo conhecimento que o destacamento do Cuanhama se encontrava com as comunicações cortadas, não podendo ser reabastecido, realisou uma marcha brilhante e das mais distintas na historia das campanhas coloniaes para apoiar este destacamento, o que denota das tropas a mais completa disciplina, uma inexcedivel resistencia á fadiga e uma compreensão nitida do seu dever.

Sua ex.ª, o sr. general, agradece a todos os oficiaes, sargentos e praças do destacamento do Cuamato a prova que déram do seu valor como militares e significa-lhes por este modo a grande honra que tem em comandar soldados verdadeiramente portuguêses.

Despedindo-nos do nosso amigo, que seguia com o seu contingente para a capital do norte, a apresentar-se no quartel da sua unidade, abraçamo-lo, congratulando-nos com o seu feliz regresso e a sua presença, congratulação que tornamos extensiva a sua familia, mórmente a seu pae o nosso velho amigo Alfredo Cézar de Brito.

O moço expedicionario, que desde ontem se encontra em Aveiro, prometeu-nos ainda outros pormenores das operações em Africa, que para aqui trasladaremos logo que isso nos seja possivel.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

Notas mundanas

Ássentuaram-se esta semana as melhoras do digno juiz de Direito de Estarreja, sr. dr. Luiz Pereira do Vale.

✥ *Regressou de Taboa a esta cidade, acompanhado de sua esposa e filhos, o sr. tenente-coronel da reserva, Antonio Rodrigues Mendes Castanheira.*

✥ *Partiu para Lisboa, o sr. José Tavares Valente, de Macinhata da Seixa, em quem o regimen possue um bom defensor.*

✥ *Esteve com curta demora em Aveiro o 1.º tenente da Armada, sr. Silverio Rocha, comandante da canhoneira* Limpopo.

PRÓ COLONIAS

—(*)—

Ainda a reorganisação do exercito colonial

Para que esse patriotismo estomacal, que por aí campeia, não refute este meu arrazoado com a linguagem da barriga e do embuste para conseguir os seus abominaveis interesses, diremos que é ele o causador disto não correr como deve ser.

Se não estou em erro ainda nada se legislou em prol do nosso eden colonial, em prol dos seus interesses, pois é ali tambem que está o interesse da Patria querida. Sem caracter politico, mas sim patriotico, mais uma vez empunho a minha modesta penna a vêr se alguma coisa se consegue em beneficio das colonias.

Se ainda persiste esse nefando decreto de 14 de novembro de 1901, o decreto das desigualdades, o decreto dos famintos, o decreto do despejo colonial, é um crime, é profanar o ideal de um povo que repudiou para sempre a esteira do passado. Com cinco anos de esperança, com cinco anos de desilusão que desabaram ao som retumbante duma alvorada comemorativa, santa e religiosa, já é tempo mais que suficiente de se cumprir-as promessas que foram feitas á alma ingenua do povo.

Já referi por mais duma vez que urge, quanto antes, acabar com esses costumes monarquicos que campeiam por aquele vasto territorio, com esses desmandos de dinheiros, etc. Para isso acabar torna-se necessario que seja posta em vigor depois de devidamente estudada de fórma que assente em bases de interesse, a reorganisação do exercito colonial. Não ha ninguem que não desconheça que os oriundos dali, devidamente instruidos, dão excelentes soldados e pódem substituir com vantagem o soldado europeu ficando muitissimo menos pesado que este que só vai para lá para se arruinar quando podia ser substituido por aqueles. Enquanto elas não tiverem um exercito genuinamente seu, que as ame e defenda, os desvios de dinheiros hãode continuar. Tal dilema, bem sabemos, tem sido deficil de resolver visto o favoritismo desenfreado, os vampiros lhe terem posto entraves para seu beneficio estomacal. E' uma vergonha para a Republica reger-se por tal decreto e não pôr termo a essa serpe tentadora mensageira do averno que desde longos anos, sem repugnancia alguma, vai despindo a camisa a esta pobre Patria e por consequencia representando a ruina colonial. Em desagravo da Republica, gritemos todos:

Abaixo o favoritismo desenfreado!

Abaixo o patriotismo estomacal!

Abaixo os vampiros!

Viva a reorganisação do exercito colonial!

Padre Mestre

Comunicados

—(*)—

Sr. Redactor do *Democrata*

Li no vosso conceituado jornal de 1 do corrente um comunicado assinado por um tal Albergaria o qual, segundo algumas declarações que ele fez, parece dizer respeito á minha pessoa.

Sr. Redactor: esse **corrupto monstro,** cuja existencia tem sido atravessada de escandalos que mancham láres e torturam esposas, e que por isso nem entre a humanidade deveria viver, ha seis ou sete mezes pouco mais ou menos, mandou uma criada, de menor idade, ao meu estabelecimento trocar uma nota de cinco escudos.

Acontece, porém, que analisada a referida nota reconheci que era falsa, pelo que não a troquei, e a entreguei á creadita, que em seguida, como é natural, se retirou e a entregou ao patrão, esse tal Albergaria.

Depois disto, e seguidamente, aparece-me esse homem a dizer que a referida nota já a havia recebido do meu empregado, *dois dias antes*, o que é completamente falso, sendo de lamentar que um homem se sirva de uma creança para conseguir, por ela, a importancia duma coisa sem valor, que não teve coragem de **valorizar...** pois a nota era falsa! Mas teve a coragem por si mesmo de abandonar a nota no meu estabelecimento!

Eu, em presença deste caso, não só o participei á autoridade, como tambem entreguei a esta a referida nota, de cuja posse ficou para todos os efeitos legais. Isto, sr. Redactor, vai assim relatado de uma maneira muito simples, mas suficiente para o publico compreender a verdade.

Eu não preciso de atestados sr. Redactor; basta as bôas qualidades de que sou dotado. Tanto neste país, que é minha patria, como no estrangeiro, onde estive alguns anos, não ha pessoa alguma consciencioso que faça lançar no meu comportamento a mais leve mancha.

De V. etc.

Aveiro, 21 | 10 | 1915.

Joaquim Martins de Melo

✥

...Sr. Director do *Democrata*

Só agora chega ao meu conhecimento a local publicada no numero 391 do jornal que V. dignamente dirige, sob a epigrafe—*Saneando*—e onde se transcreve uma noticia do jornal *Independencia de Agueda* orgão do sr. Governador Civil que, como V. sabe, é tambem o presidente da Junta das Obras da Barra e Ria de Aveiro.

V. faz umas linhas de comentario e delas parece deduzir-se ou melhor deduz-se que V. está convencido de que eu fui dispensado dos serviços, que ha 17 anos exercia com elogio de todos os meus Directores e até da propria Junta, por ter cometido qualquer irregularidade.

Devo lembrar a V. que em plena monarquia, e especialmente no tempo do governo do sr. João Franco, fui sindicado e violentamente suspenso, sem que dessa sindicancia resultasse em cheio a inanidade das acusações de um cérto comerciante desta terra, autor de toda a longa campanha contra mim, e que agora, sem sombra de processo e sem que houvésse o rudimentar respeito pela minha reputação de homem e de funcionario, fui despedido dos trabalhos, deixando-se que, á vontade, cada um bordasse sobre o insólito procedimento as considerações que quizésse.

Isto não é justo. E por culto á justiça, V. hade reconhece-lo.

E então, pedindo a V. que suspenda qualquer juizo sobre o meu procedimento, eu peço-lhe egualmente que publique o requerimento que fiz á Junta das Obras da Barra, e cujo deferimento anciosamente espero.

O facto da *Independencia de Agueda* me classificar de antigo galopim monarquico, tem graça e... não ofende.

Toda a gente sabe que nunca me meti em politica, que simplesmente me ocupo dos meus negocios e do desempenho cabal da minha profissão e que, quaesquer que sejam as minhas opiniões, do que a ninguem tenho que dar satisfações, eu nunca as exteriorisei e nunca me entrometi em questões para que, nem tenho quéda, nem, verdade, verdade, me interessam.

Esperando de V. a publicação desta carta e da copia que a acompanha, assino-me

De V. etc.

Aveiro, 10 de outubro de 1910.

Alfredo Manso Preto

—=—

Ex.mo Sr. Governador Civil, presidente da Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria de Aveiro

Afredo Manso Preto, casado, mestre de obras, de Aveiro, esteve durante 17 longos anos ao serviço da Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria de Aveiro, a que V. Ex.ª muito dignamente preside, mas foi ultimamente despedido, por deliberação da Ex.ma Junta, tomada em sessão de 25 de Setembro proximo passado.

Era o suplicante empregado contratado mas porque os serviços do seu cargo não pódem prescindir-se nas Obras da Barra e Ria, é claro que a sua dispensa e correlativa substituição se devem, sem duvida, a qualquer máu procedimento do suplicante, corôa, por cérto, de uma antiga campanha em que, com justiça, o suplicante tem sempre saído de cabeça levantada.

Ora compéte á dignissima Junta, como preito á honra do suplicante, determinar os motivos do acto que praticou, e o suplicante não póde deixar de solicitar um rigorosissimo inquerito ás funções que exerceu, quer tècnicas, quer administrativas, quer aos seus actos como particular, quer como cidadão, sendo este inquerito passado por individuos insuspeitos, que não tenham pelo suplicante simpatia nem antipatia, afim de se prevaricou, aos tribunaes competentes ser entregue para receber o devido castigo.

Com a honra de um individuo—V. Ex.ª bem o sabe—não é licito brincar.

O suplicante tem o legitimo orgulho de declarar que não é um incompetente, como se póde demonstrar pelo simples exame do seu trabalho, e como se póde vêr de tanto elogio que tem recebido quer dos seus directores, quer da propria Junta, os quaes alguns deles constam dos livros de registo do arquivo dessa Direcção, e ainda de honrosos atestados que o suplicante possuia de distintos engenheiros, ás ordens de quem serviu, os quaes se acham arquivados na Secretaria da Ex.ma Junta desde a nomeação do suplicante.

Em abono da sua nunca desmentida lealdade, e da honestidade do seu caracter, invoca o insuspeito testemunho não só de todos os Directores sob cujas ordens tem servido desde o primeiro dia da sua nomeação, mas ainda de todos os fornecedores de materiaes cujos nomes constam dos respectivos processos arquivados na Secretaria da Ex.ma Junta e que pódem ser chamados, um por um a fazerem o seu depoimento sobre o que a Ex.ma Junta entenda porventura que podésse concorrer para demitir o suplicante, exabrupta, do seu cargo.

O suplicante não é politico, respeita as instituições, e cumpre as leis da Republica.

Nada, pois, em sua consciencia, descobre o suplicante que justifique o procedimento da Ex.ma Junta das Obras da Barra a que V. Ex.ª tão dignamente preside, a não ser que o suplicante, de facto, haja prevaricado, e nestes termos respeitosamente

P. a V. Ex.ª se digne imediatamente ordenar o inquerito, como de direito.

Saude e Fraternidade

Aveiro, 8 de Outubro de 1915.

(a) **Alfredo Manso Preto**

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 19

Atentado revoltante

Causou sensação nesta freguezia uma noticia transmitida de Lisboa e que passâmos a dar conta aos nossos leitores, como no-lo impõe o dever de cronista deste acreditado jornal do distrito de Aveiro, a que pertencemos:

Na rua da Fabrica da Polvora, 73, 1.º, reside o negociante Manuel Rodrigues Caetano, que, tendo no dia 15 quaesquer negocios a tratar com freguezes do Barreiro, para ali se dirigiu no primeiro vapor. Depois de haver percorrido vários logarejos do sitio, encaminhando-se para Coina, comprando ali um carro, á Companhia Ceramica e ainda uma porção de terra para jardim.

Findo o negocio dirigiu-se para uma locanda, onde se demorou comendo, e travou conversa com vários maltezes, aos quaes caíu na asneira de dizer os motivos que o levaram áquelas paragens.

Dois dos maltezes, julgando estar na presença de um grande negociante, recheiado de dinheiro, não mais o largaram de vista e, assim, quando Manuel Caetano, pelas 21 horas, regressava, a pé, ao Barreiro, por não ter qualquer meio de condução, foi assaltado por dois dos meliantes, um dos quaes lhe vibrou uma tremenda cacetada na cabeça, que o derrubou.

Manuel Caetano, porém, que é um homem forte e corpulento, levantou-se logo, travando luta, braço a braço, com os maltezes, que pouco depois desapareciam.

Quando se decidia de novo a tomar o caminho do Barreiro, foi mais uma vez assaltado pelos mesmos, perdendo então os sentidos e não sabendo explicar o que se passou.

Ora em Coina existe uma oficina de carpinteiro pertencente a João Gomes Sapatão, casado com Emilia Maria, que tem por visinho o seu cunhado Julio Fernandes, de 25 anos, trabalhador, casado com Justina Maria Ferreira.

O Sapatão, tendo, ha tres dias, necessidade de uma porção de madeira serrada, contratou para tal serviço o serrador Antonio Carvalho, desordeiro e ébrio incorrigivel, motivo porque é mal visto no sitio, o qual, ante-ontem, terminado o seu serviço, andou passeando pelas ruas da freguezia, só regressando pelas 21 horas á casa do seu patrão, para buscar a ferramenta que ali deixára. Nessa mesma ocasião estava Manuel Caetano a ser agredido pelos maltezes e o Carvalho, ouvindo o que se passava, correu a munir-se duma *lamineta*, especie de enxó de comprido cabo, decidido a vir para a rua, o que lhe foi obstado pelo Sapatão, que o desarmou.

O Carvalho não desanimou, contudo, e empunhando um machado, forçou uma porta e conseguiu defrontar-se com os contendores, acabando por descarregar a arma sobre Manuel Caetano, isto enquanto os maltezes davam ás de Vila Diogo.

Aos gritos do ferido apareceu o trabalhador Julio Fernandes que, julgando ser o cunhado que fôra agredido, se dispunha a socorre-lo, mas o serrador Carvalho, alheio ao que se passava, fez-lhe frente e erguendo o machado descarregou-lhe um fundo golpe no braço esquerdo, pondo-se depois em fuga.

Por fim foram os dois feridos transportados, em braços, durante largo tempo, até que apareceu uma carroça que os conduziu ao Barreiro e uma vez ali, socorridos pelo sr. dr. Caroço, viéram no dia seguinte para Lisboa, recolhendo ao hospital de S. José.

O sr. dr. Alberto Gomes, que se encontrava de serviço no banco, verificou que o estado de Manuel Caetano era gravissimo, pois apresentava tres ferimentos na cabeça, arrancamento de parte da orelha esquerda e tres outros ferimentos nas costas, um dos quaes deixava vêr o interior, isto além de outros pequenos ferimentos e contusões pelo corpo. O Fernandes apenas sofrera fractura do braço esquerdo com complicação da ferida.

Depois de pensados pelo referido clinico, auxiliado pelos internos e enfermeiro, recolheram ás enfermarias de S. Francisco, do hospital de S. José, e S. Bernardo, do hospital do Desterro.

Manuel Caetano conta 42 anos, é natural de Caciá, e casado com Maria do Rosario Paiva. O Julio Fernandes é natural de Aldeia de Paio Pires.

Como é de presumir o assalto foi praticado com o intuito de roubo, mas os maltezes não conseguiram o seu intento, tendo Manuel Caetano regressado a Lisboa com 6 escudos, que lhe sobraram de 180 que levára para despezas.

= Encontra-se cá o nosso amigo sr. Agostinho Rodrigues Bela que no seu estabelecimento de Coimbra foi substituido por seu tio, sr. Domingos Rodrigues Bela.

= Retiraram mais: para Espinho, o sr. Antonio Simões Dias; para S. João do Estoril, José Maria da Silva Matos; para a capital, Manuel Simões Arcanjo e para Viana do Castélo, o sr. Manuel Simões de Moura.

= Chegou á Quintã do Loureiro, vindo de Lisboa, o sr. Manuel Simões Carrêlo.

= Daquele logar saíu com a ultima expedição á Africa, o sr. João Dias Pereira, a quem desejâmos muitas felicidades e bréve regresso.

= A quadra outonal está decorrendo como é costume quando não chove: anema, deliciosa, encantadora.

C.

Ois da Ribeira, Agueda, 19

Como dissémos na nossa ultima correspondencia de 24 do preterito, alguem nos pediu para nada mais dizermos sobre o assunto que vinhamos tratando, mas resolvendo consultar os nossos amigos que fazem parte do grupo defensôr da Republica, eles foram de opinião contraria, isto é, pretendem que continuemos a obra de saneamento. Era esse o nosso desejo. E como comnosco está quasi toda a freguezia, isso prova mais uma vez quanto é antipatico ao povo o repelente capataz do jesuitismo. Tornou-se odiado o masmarro conspirador.

Vamos pois continuar.

Como já demonstrámos, o espectro negro saíu do Alto Duque e parece que por um sentimento de gratidão deveria deixar de atacar a Republica e as suas leis. Mas fez justamente o contrario. O patrão-bispo nomeou-o, (fazendo uzo do seu poder espiritual) prior da freguezia de Ois, a contento, é claro, da talassaria que tomou a seu cargo, ao que parece, a sua manutenção pecuniaria. O intruzo prior avistou-se com membros da Cultual para que lhe permitissem o livre exercicio, ao que eles de boa vontade acederam, porque são cidadãos patriótas, incapazes de entravar os desejos do povo, desde que daí não resulte qualquer prejuizo para respublicae, mas com diversas condições expressas, que se resumem no respeito ás leis da Republica, principalmente á de Separação e da abstinencia por completo da politica.

Conquanto os chefes da talassaria não fossem muito contrarios a estas condições, o certo é que rapazote nem *pelo amor de Deus* quiz sujeitar-se a elas, e aproveitando o conhecido racionarismo da Junta de Travassô obteve permissão para exercer o culto na capéla de Cabanões que está dependente da Junta referida.

E' claro que não representava o desejo do povo o pedido para exercicio do culto na egreja e freguezia, mas os cultualistas, fazendo vista baixa, acederam, pensando que este exemplo de moderação fôsse devidamente considerado pelo masmarro.

Porém, terrivel decepção os esperava!

Não só não concordou, o biltre, como ainda não perdeu ocasião para atacar a Cultual, como se ela tivésse culpa de ele ser um facioso inimigo da luz, que não quer vêr apezar da lucida inteligencia de que deu sobejas provas enquanto esteve no coio de Coimbra e mesmo cá, principalmente quando tme

sido encarregado de fazer qualquer sermão em Travassô, ondo por vezes se tem engasgado com os microbrios que emanam do pantano da fonte, ali proximo da sua quinta! ..

Como podia exercer o culto em Ois, fiscalisado pela Cultual e pelos republicanos que lhe fariam cumprir á risca as leis da Republica?

Ele que desejava estar independente de tal corporação vinha expontaneamente sujeitar a ela? Ficaria excomungado e inibido de entrar no Paraiso!

Não poderia continuar a hostilizar a Republica que ele tanto odeia por ter sido demasiadamente benevola para ele e quejandos, incorreria no desagrado do seu patrão-bispo, e era isso o que mais o preocupava.

Se a Cultual lhe garantisse uma mezada gôrda... com compromissos materiaes hipotecarios... ah! então veriamos o rapazóte ás ordens da Cultual, da Patria e das... batatas, conquanto no seu intimo nunca deixasse perder um momento de atacar a Republica nas trévas, ou á luz mortiça das sacristias.

Zé d'Ois

Ultima hora

Ha tempos morreu um filhinho dum conhecido reaccionario, irmão dum nosso dedicado correligionario, e com grande espanto vimos encorporarem-se no prestito funebre várias creanças das que frequentam a escola primaria. Soubémos depois que o professor primario tinha feito alguns convites ás inocentes creanças que inconscientemente foram servir a causa do caróla enfiadas nas respectivas ópas.

Deixámos passar o facto despercebido, mas agora surge outro de mais responsabilidade.

Morre o filho de outro caróla e o dito professor suspendeu os trabalhos escolares para as creanças repetirem a fantochada.

Não queremos por agora profundar o assunto, mas simplesmente lembrar ao sr. professor que melhor sería ter feito aos seus alunos uma preleção no dia 5 de Outubro do que perder tempo em carolices. Estavamos em ferias ainda nesse dia, é claro, mas a boa vontade... conhece-se.

E' um pequeno aviso, isto, até vêrmos o sr. professor definido como empregado publico e cumpridor dos seus deveres.

Zé d'Ois

Pinhão,

O. de Azemeis, 18

O cumulo da desonestidade conjugal

Imoralidades familiares irracionaes

O caso que singelamente vou ponderar em linguagem sem rendilhados, simples e desataviados é o resultado do mau caminho trilhado, o cumulo da desonestidade conjugal arrebatando a alma daqueles que punem pela moralidade e que repudiam abominavelmente costumes argamassados nos vicios da podridão, que revelam bem a completa ausencia de sentimentos moraes no monstro que os pratica, subjugando a vitima pela miseria, fazendo-a descer o ultimo degrau na escala social.

Aquéla chama-se Maria Ginêta e tem dois filhos. Apezar de ser uma mumia contaminada pela anemia, aproveitou o imoralisador a ausencia do marido, que está no Brazil, e lançou-a no caminho do vicio e da devassidão.

A adultera diz por ai alto e bom som que a serpe tentadora que lhe fizéra assalto lhe dá um escudo e vinte centavos semanaes para ela não a descobrir.

Para rematar esta imoral fita, existe mais ou menos perto daqui um irracional individuo que exerce concubito com uma filha com quem vive e da qual já tem alguns filhos.

Outros ha no incognito, chamando ás concubinas filhas. Uma depravação tal que nem os cafres lhe chegam.

Agora pergunto eu: o que é que vão fazer estes irracionaes aos templos?

Luiz de Nancis

Propriedade

Acha-se á venda uma, sita nas ruas da Estação e de Sé, que pertenceu a José Bernardo de Almeida.

Quem déla pretender póde dirigir-se ao advogado, sr. dr. André dos Reis.

Juizo de Direito

DA

Comarca de Aveiro

E'ditos

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Por este Juizo de Direito, escrivão Marques, correm éditos de 40 dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando José Nunes da Costa, padeiro, ausente em parte incerta, para, no praso de dez dias posterior ao termo dos éditos, pagar, no cartorio do dito escrivão, a quantia de 22$41,3, provenientes de custas em debito ao Juizo e em que foi condenado na acção de divorcio litigioso que lhe moveu sua mulher Maria da Silva, de Ilhavo, ou vir nomear á penhora bens suficientes para tal pagamento e das custas e sêlos que acrescerem, sob pena de se devolver o direito da nomeação ao Magistrado do Ministério Publico e de se proseguir nos termos da execução até final.

Aveiro, 8 de Outubro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silav

Juizo de Direito

DA

Comarca de Aveiro

ARREMATAÇÃO

(1.ª publicação)

No dia 14 de Novembro proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da comarca e na execução hipotecaria, em que são exequentes Luiz de Oliveira e mulher Palmira Ferreira de Oliveira, e executados Maria dos Santos Fráde, viuva, João de Oliveira e mulher Rosa Carola de Oliveira, Antonio de Oliveira e mulher Rosa Ferreira de Oliveira, Eduardo de Oliveira e mulher Maria da Luz de Oliveira, Joaquim de Oliveira e mulher Maria Saraiva Fé, e Rosalina Ferreira de Oliveira, viuva, e seus filhos menores Antonio e Rosa, todos de Ilhavo, vão á praça para serem arrematadas por quem mais oferecer sobre a avaliação, quatorze decimas sextas partes de um predio de casas com pateo, poço e mais pertenças, sito na viéla do Chocha, da rua do Espinheiro, de Ilhavo, avaliadas — aquelas partes—em 367$50.

Por este meio são citados quaesquer credores incertos para deduzirem os seus direitos.

Aveiro, 19 de Outubro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.